

Saara Nousiainen



O Espiritismo
em
Época de Transição

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O Espiritismo Em Época De Transição

Saara Nousiainen

...Chegou então o Espiritismo, trazendo extraordinário conhecimento libertador, como excelente alavanca para a transformação interior dos seus adeptos, mas, talvez em razão das grandes dificuldades que essa transformação apresenta, muitos acabaram substituindo-a pela freqüência ao centro, pelo passe e pela água fluidificada, as atividades na casa, o trabalho mediúnico, a caridade, a direção da instituição. Outros a substituíram por ações na divulgação doutrinária, tais como fazer palestras, escrever livros, falar no rádio ou na TV ou, ainda, através da Internet, e tal situação acabou se institucionalizando nos meios espíritas.

Palavras iniciais

Nosso planeta está vivendo um momento único em sua história.

Nossa humanidade passa por um período sem igual em toda a sua existência.

O movimento espírita está numa espécie de repetição da história do cristianismo primitivo, numa fase decisiva em sua caminhada. É como se estivéssemos diante de duas portas, uma larga e outra estreita, exatamente como na advertência de Jesus.

A larga dá acesso a um caminho também largo e confortável, que segue através da planície. A outra dá acesso a um caminho pedregoso, estreito, que sobe pelas escarpas da montanha, numa jornada difícil e sacrificial.

Pelo caminho largo, não precisamos estar constantemente em alerta, observando onde pisar, nem fazer muito esforço para caminhar. Basta deixar-nos levar.

No estreito, a subida é difícil. Nossos pés se machucam nos pedregulhos, enquanto o corpo vai se ferindo nos espinhos, mas, em meio aos pedregulhos, crescem lírios brancos a embelezar e perfumar nosso ambiente e, em torno dos espinhos que nos ferem, encontramos folhas verdes a simbolizarem esperança. O suor que escorre pelo rosto e pelo corpo, nos esforços da subida, reflete a purificação da nossa alma pela eliminação de toxinas espirituais, do lixo interior que fomos acumulando ao longo do tempo. E quando menos esperamos, alcançamos o topo da montanha de uma nova etapa evolutiva.

Olhando então para trás, para os caminhos difíceis que acabamos de percorrer, nossa alma se encherá de alegria pelas escolhas acertadas que fizemos.

Mas... se a escolha foi o caminho largo e fácil, já que temos o direito de escolher...

Fazíamos uma comparação do momento atual do espiritismo com o cristianismo primitivo. Este também passou por um momento de transição. Jesus viera trazer novos paradigmas à humanidade e seus seguidores tiveram a missão de levar aquelas idéias para o mundo. Se eles tivessem seguido pelo caminho largo, o da planície, o cristianismo teria morrido em seu nascedouro, mas aqueles cristãos fizeram do “vivenciar os ensinamentos de Jesus e difundir a Boa Nova” o seu projeto de vida, a sua primeira prioridade, a meta para a qual caminharam sem medir esforços nem sacrifícios. Foi uma entrega total. Assim, seguindo pelo caminho estreito e entregando as próprias vidas em sacrifício, eles conseguiram fazer com que a mensagem da Boa Nova pudesse atravessar os séculos e, mesmo de forma distorcida, chegar até nós.

Hoje estamos numa nova fase de transição; desta vez, muito mais radical porque o mundo vai mudar de grau. De “provas e expiações” passará à condição de “mundo de regeneração”. Com isso, as imensas legiões de espíritos empedernidos no mal, sabendo que poderão ser exiladas para mundos inferiores, estão “jogando todas as suas cartas” na tentativa de dominar o planeta e aqui permanecer.

Pode-se então facilmente observar o quanto essa fase está sendo conturbada, com as legiões do mal aplicando todos os seus recursos, sua ciência e tecnologias para vencer quaisquer esforços que visem à iluminação do ser. Estamos assim novamente diante das duas portas, a larga e fácil e a estreita e difícil, só que as dificuldades de agora são diferentes. Diria até que são maiores, porque naquela época ainda pairava no ar a presença do Mestre e seus ensinamentos e exortações eram repetidos diuturnamente pelos seus seguidores, inflamando-os. Seus corações pulsavam na vibração da Boa Nova, como se fosse o próprio cântico dos anjos a se espalhar sobre os montes, vales e cidades, abençoando corações que há muito aguardavam por ela.

Hoje, temos um movimento espírita formado por diversos tipos: os que aderiram à nossa doutrina, por achá-la coerente; os que chegaram empurrados pelo sofrimento e aqueles outros, poucos, cujos corações pulsam ao ritmo da revelação espírita e que fizeram do espiritismo seu projeto de vida.

A situação é bem diferente daquela do primitivo cristianismo, porque o espiritismo institucionalizou-se, perdendo o ar de cumplicidade geradora de companheirismo e fraternidade. Por outro lado, os poderes das trevas tudo fazem, não para destruí-lo ou parar a sua marcha, mas para evitar que se aloje nos corações e realize as transformações que o Mestre espera.

Nesse contexto, é fácil observar como os estudos doutrinários, os cursos e as atividades caritativas que são realizadas nos meios espíritas pouca resistência encontram, mas qualquer ação visando à “vivência” dos conteúdos

espíritas encontra grandes dificuldades para se firmar e produzir efeitos. Nota-se uma espécie de apatia, de desinteresse por propostas que visem, de forma prática e concreta, levar à vivência da amorosidade, da alteridade (respeito de uns para com outros), da humildade e demais valores.

É verdade que, paralelamente, vem acontecendo um despertar para a busca desses valores, mas isto reflete a minoria e mesmo os grupos que se formam visando a esse crescimento interior encontram grandes dificuldades a fim de conseguir melhores resultados. É o trabalho maciço das sombras contra essas luzes.

Vemos então que este é o momento de lembrarmos os primitivos cristãos, a sua entrega, o seu amor, a sua renúncia, para ganharmos nós também mais disposição e energia em nossa luta com vistas a vencer as forças do mal. Também importa lembrar que o foco principal desta luta deve estar em nossa transformação interior.

Que está acontecendo com o movimento espírita?

Talvez você responda que nada está acontecendo de anormal e que tudo vai muito bem.

Será que vai mesmo?

Nas listas da Internet de que participo, inúmeros companheiros, das mais diversas partes do Brasil, se queixam, profundamente entristecidos, pelas formas como se pratica o espiritismo nos centros que freqüentam, e vários deles já se afastaram, embora continuem crendo e procurando praticar os ensinamentos espíritas.

Talvez você diga:

- Ora, são pessoas invigilantes que se deixaram envolver pelos obsessores ou, então, que estavam apenas procurando uma desculpa para abandonar as tarefas.

Será mesmo assim?

Em conversas com essas pessoas e pelo que venho observando desde muitos anos, é possível perceber a extensão do que ocorre em inúmeros centros, chocando muitos dos que chegam e afastando outros que já não suportam mais conviver com situações tão adversas.

Como exemplo, vamos citar alguns desses casos, usando pseudônimos.

a) Marina chegou ao centro espírita com o coração cheio de alegria, porque finalmente havia encontrado uma doutrina não fanatizante, em que o adepto teria a liberdade de analisar tudo à luz da razão. Inscreveu-se no Estudo Sistematizado de Doutrina Espírita-ESDE e, logo nas primeiras semanas, percebeu o quanto estava enganada. Ao questionar a afirmativa do monitor que dizia ser o espiritismo uma religião, quase se viu “fraternalmente” expulsa do grupo e, para poder continuar, decidiu-se a não mais questionar fosse o que fosse. Guardaria os questionamentos para si mesma.

b) Silvana, espírita desde criança, participava das sessões de cura no centro que freqüentava. Certo dia percebeu que o médium que fornecia ectoplasma para os trabalhos, ao sair da cabine, sentia-se mal. Chamou a dirigente, informando-a do fato e sugerindo que fosse ministrado um passe no companheiro. Essa sugestão foi aceita de má vontade, com a recomendação: “Que seja só esta vez, porque os médiuns precisam aprender a se defender”.

Que tremenda falta de fraternidade e de conhecimento!

c) Ao término das sessões mediúnicas de que participava, Andréa saía sentindo-se mal. Foi adoecendo mais e mais. Ao buscar ajuda no centro, aconselharam-na a fazer o Evangelho no Lar para afastar os obsessores.

Ora, o que mais ela fazia era cuidar da sua vida interior, procurando sempre pautá-la pelos ensinamentos de Jesus.

Foi piorando cada vez mais e mais e acabou se afastando do trabalho mediúnico. Uma amiga levou-a a um templo esotérico, onde foi recebida com muito carinho e tratada com recursos utilizados por eles, vindo a melhorar rapidamente.

d) D. Miriam, médium que há mais de vinte anos vinha participando das atividades mediúnicas da casa, de repente começou a faltar; uma, duas, três sessões... O dirigente informou os presentes de que, se ela faltasse mais uma vez, seria afastada dos trabalhos.

Alguns meses se passaram e D. Miriam retornou ao trabalho, mas na condição de espírito.

Todos ficaram profundamente envergonhados, pois ninguém se preocupara em procurar saber o que havia acontecido com ela.

Por que em muitos centros espíritas os trabalhadores são tratados com desinteresse, como se fossem meras peças do mecanismo e os freqüentadores não são recebidos com amabilidade e verdadeiro interesse em ajudá-los?

E nem vamos falar de outras situações nas quais despontam lutas pelo poder, discriminações e tantas outras mazelas.

O que está faltando nos meios espíritas: conhecimento doutrinário ou a presença de amor e de humildade?

Preocupada com questões como essas, no início dos anos noventa, conseguimos juntar alguns companheiros espíritas e criar uma oficina semanal com foco no desenvolvimento dos valores da evolução espiritual. Foi uma experiência gratificante, que me levou a escrever, mais tarde, o livro Crescimento Interior, apoiada naquele modelo.

Temos observado, no entanto, como é difícil criar um grupo com tal finalidade e mais difícil ainda é mantê-lo. Uns e outros vão se afastando por motivos justos, e muitos outros fatos vão acontecendo, levando o grupo à extinção (V. capítulo Uma palavra difícil de dizer).

Procuramos então convencer algumas lideranças espíritas, inclusive da própria FEB, a estabelecerem pequenas mudanças nas metodologias, que viriam a favorecer o crescimento interior dos espíritas e dos frequentadores dos centros. A proposta era para se utilizar a última meia hora dos cursos para “trabalhar” a questão da vivência dos conteúdos espíritas, procurando-se desenvolver a afetividade, a humildade e demais valores.

Isto rendeu alguns “Que excelente idéia!”; Vamos estudar essa questão”... Mas sempre ficou só nisso.

Depois, recebemos a inspiração para escrever o livro Curso Interativo de Espiritismo e Vivência Espírita, com catorze aulas. A primeira parte de cada aula é de estudos doutrinários e a segunda tem foco na vivência dos valores da evolução espiritual.

Esse curso pode ser ministrado continuamente. Terminada a última aula, volta-se à primeira, já que cada uma apresenta um tema diferente. Assim, os que chegam ao centro, em qualquer época, podem ser encaminhados para o curso e não vão perder qualquer tema.

A segunda parte, relativa ao crescimento interior do ser, também trata, em cada aula, de tema específico dialogado entre os participantes.

O método é utilizado com perguntas instigantes para serem respondidas pelos presentes. Em seguida o monitor lê a explicação espírita.

Cursos básicos simples e interativos são importantes num centro espírita para atender aos que chegam, mas, na imensa maioria das casas, quem chega é convidado a assistir a palestras e/ou ingressar num estudo sistematizado de doutrina espírita. As palestras são boas, quando o palestrante é bom, mas, apenas assistindo a elas, alguém pode romper o tempo, anos a fio, sem adquirir o conhecimento espírita em sua extensão.

O estudo sistematizado supre essa lacuna, mas nem todas as pessoas se afinam com estudos dessa natureza. Por isso a evasão é sempre grande.

Já num curso básico (melhor que seja interativo), o participante aprende tudo, mesmo de forma superficial, em bem mais curto espaço de tempo. Se então alguém quiser matricular-se num curso sistematizado, certamente não o abandonará a meio do caminho.

Mas qualquer que seja o modelo do ensinamento, é fundamental que inclua ações práticas para ajudar na evolução espiritual dos participantes.

Se a finalidade maior do espiritismo é transformar seus seguidores em “homens de bem”, cabe aos centros espíritas instrumentalizar-se, a fim de oferecer a seus trabalhadores e frequentadores atividades capazes de realmente ajudar nessa transformação.

Da mesma forma, cabe ao palestrante que queira exercer de fato sua missão ensinar conhecimento espírita e, a seguir, colocar-se lado a lado com os aprendizes para, num esforço conjunto, procurar fazer com que tais conhecimentos desçam até o coração, inclusive ao dele. Só assim, com o

espiritismo no coração, é possível realizarem-se as tão necessárias transformações interiores.

Lembremos que os cristãos primitivos realmente vivenciavam os ensinamentos de Jesus, tanto na prática da caridade quanto em suas atitudes. Depois, tudo foi se transformando. O foco foi mudando até institucionalizar-se numa igreja, a Católica Apostólica Romana.

Será que vamos deixar o espiritismo também acabar como mera instituição de caráter filosófico, científico e religioso, crescendo em número de centros e de adeptos, “mostrando a cara” ao mundo, como tantos desejam, mas sem cumprir a sua finalidade maior, que é a transformação do ser?

Quando uma doutrina é formada por regras

Será que, nos meios espíritas, estamos vivenciando a mesma estagnação evolutiva das igrejas cristãs?

Por que os seguidores do cristianismo pouco ou nada evoluem espiritualmente?

Vejam uma das razões.

As igrejas cristãs apresentam a seus fiéis o “prato feito” da salvação. Vem tudo prontinho, bastando-lhes obedecer às determinações das suas igrejas.

Ocorre, nas doutrinas formadas por regras ou preceitos, que seus seguidores tendem a procurar meios para fraudá-los, lançando mão de interpretações as mais variadas e de recursos outros que lhes permitam permanecer sob o seu abrigo, mas sem real comprometimento com eles.

É o ser humano sempre querendo levar vantagens.

Esse tipo de situações reflete a antievolução, e é por isso que o mundo cristão pouco progrediu espiritualmente.

Chega, então, o espiritismo, trazendo extraordinário conhecimento libertador, como excelente alavanca para a transformação interior dos seus adeptos, mas, talvez em razão das grandes dificuldades que essa transformação apresenta, muitos acabam substituindo-a pela freqüência ao centro, pelo passe e pela água fluidificada, as atividades na casa, o trabalho mediúnico, a caridade, a direção da instituição; outros a substituem por ações na divulgação do espiritismo, tais como fazer palestras, escrever livros, falar no rádio ou na TV ou, ainda, através da Internet, e tal situação acabou se institucionalizando nos meios espíritas.

Dessa forma, sentem-se abençoados e confiantes em que estão conquistando ingresso em Nosso Lar, após a desencarnação. Preenchem tanto as suas vidas com essas atividades que pouco, ou nada, lhes sobra para cuidar das suas construções interiores.

O que está errado, então, ou o que está faltando para que as pessoas que desenvolvem atividades espíritas, ou freqüentam centros, possam começar a despertar para a necessidade de dinamizar a própria evolução espiritual?

Certamente, está faltando interesse nas lideranças e empenho dos dirigentes no sentido de priorizar atividades que ajudem realmente nesse desiderato. Nos meios espíritas, costumamos apresentar Jesus e o Evangelho como sendo a nossa bandeira:

- Vamos fazer o Evangelho, vivenciá-lo, colocar Jesus em nossas vidas, etc. Com esse tipo de foco, acabamos diluindo nossos esforços evolutivos em imagens e palavras: imagens de Jesus e do Evangelho, palavras que já se tornaram jargões sem efeito. E assim, sentindo-nos sob esse pálio, achamos que estamos evoluindo, fazendo nossa reforma interior e nos preparando para habitar planos mais elevados após a desencarnação.

Mas é por causa desse tipo de enganos que Eurípedes Barsanulfo foi convidado a construir o Sanatório Esperança, no mundo espiritual, para atender companheiros que acreditavam ter direito a situações mais favorecidas após a morte, por terem conduzido a bandeira do Evangelho e a imagem de Jesus durante a vida. Vamos refletir um pouco?

Do que realmente necessitamos para evoluir? É de uma bandeira ou de atitudes?

Então, ao invés de colocar-nos sob o pálio do evangelho, não é muito mais produtivo procurar viver em função do próprio crescimento como ser espiritual e cósmico? Em vez de viver citando chavões sobre a caridade, esforçar-nos para desenvolver e vivenciar a amorosidade de forma contínua? No lugar de ter sempre na “ponta da língua” alguma exortação doutrinária, fazermos reflexões sobre as dimensões do amor e da humildade e procurar meios para desenvolvê-los nos nossos estados de espírito? No lugar daquela voz “mansificada”, nem sempre autêntica, quando falamos em “coisas sagradas”, deixar fluir a alegria, o contentamento, que é um verdadeiro elixir de vida?

Em tempo de transição não há TEMPO a se perder. É imprescindível e inadiável realizar as transformações interiores a se manifestarem em ATITUDES.

Aquele que deseja verdadeiramente realizar sua transformação interior, adequando-se ao novo tempo, precisa começar a mergulhar fundo nos meandros do orgulho, do egoísmo e da ganância, procurando entender seus mecanismos a fim de buscar as formas mais profícuas para livrar-se deles; procurar conhecer ao menos um pouco das complexidades do psiquismo humano com o fito de aprender a navegar contra as correntezas interiores das construções milenares do próprio espírito.

Mas essas incursões precisam representar prioridade para quem deseja evoluir, porque a geração de valores se dá por ação continuada.

Por isso, para desenvolver valores da alma, é preciso gerar memória. Geralmente só nos lembramos de nossos propósitos evolutivos DEPOIS de praticada a ação, dita a palavra ou permitido sentimentos negativos vibrarem em nosso interior.

Por isso sempre sugerimos trabalhos em grupo; uma discussão sobre determinada atitude, com enfoques diversos e sugestões variadas, ajuda a gerar memória. E quando o grupo se propõe a trazer sempre à mente, durante a semana que se segue, a determinação de desenvolver o valor que estava em pauta, fica bem mais fácil lembrar as decisões tomadas ANTES de praticar a ação, dizer a palavra ou permitir sentimentos negativos, podendo evitá-los.

Merecimento e evolução

Algo importante para ser repensado nos meios espíritas está numa melhor compreensão sobre merecimento e evolução.

Numa pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo – ABRADE sobre como estamos comunicando espiritismo dentro e fora dos nossos arraiais, observou-se que estamos confundindo muito a prática da caridade com evolução espiritual. A primeira gera merecimento, mas só a segunda nos resgata das inferioridades em que estagiamos.

Outro ponto também observado é que há nos centros muita preocupação em se praticar a caridade e raras são as atividades voltadas para o crescimento interior. Muitos até desconhecem o que seria uma mera reunião de estudos do evangelho.

Conversávamos certa feita com alguns companheiros espíritas sobre essas questões, quando um dos presentes, Dr. Ildefonso do Espírito Santo (BA), do alto dos seus 80 anos, me intimou a escrever um roteiro bem simples e objetivo que pudesse ajudar nessa questão da vivência dos conteúdos espíritas. Rejeitei a idéia, por entendê-la inviável, mas aquela “intimação” não me saía da cabeça e em pouco tempo observei que me colocavam na mente uma idéia inovadora, a de se buscar essa vivência através de estados de espírito.

Foi assim que no opúsculo Agenda Mínima para Evoluir, conseguimos resumir em apenas cinco pontos as bases da tarefa evolutiva.

Quatro pontos referem-se a estados de espírito: afetividade, alteridade, humildade e contentamento.

O quinto valor é o equilíbrio, ou seja, a sabedoria.

Desenvolvendo afetividade, estamos no caminho do amor, o maior dos valores. A alteridade nos ajuda a abrir caminhos para uma compreensão mais elevada sobre tudo. É o mais importante mecanismo para o crescimento do homem como ser social e pode levá-lo a interagir pacífica e beneficentemente com tudo que o cerca. Nos meios espíritas, ela se torna uma postura de vanguarda, sinalizando um modelo de convívio para o novo tempo, o mundo de regeneração.

O terceiro dos pontos essenciais é a humildade, numa percepção clara da nossa real condição. Nem para mais, nem para menos.

Se for para mais, ela nos levará ao orgulho, porque pensar que somos mais evoluídos do que nossa realidade acarreta envaidecimento. Pela nossa pouca evolução, estamos ainda muito propensos a cair nessa ilusão. Se forçarmos nossa percepção para menos, isto nos levará a uma situação irreal e à diminuição da nossa auto-estima, o que é prejudicial para nossa vida e evolução.

Já o contentamento é um verdadeiro elixir de vida e saúde, e o equilíbrio nos conduz à sabedoria.

Releitura das obras de Kardec?

Numa das listas, ou grupos, da ABRADE, na Internet, alguém perguntou: “Algum(ns) conceito(s) expresso(s) nas obras de Kardec mereceria(m) uma releitura, ajustando-a(s) ao novo contexto do presente?”

Refletimos sobre a pergunta e respondemos o seguinte:

Alguns conceitos realmente mereceriam essa releitura. Podemos dar como exemplo a questão da expiação.

Na obra de Kardec, essa idéia aparece em tons muito fortes, ameaçadores, definitivos, o que pode ter sido perfeito para aquele tempo. Mas hoje, nas fímbrias de uma nova época, já começando a transitar sobre a ponte que nos levará à condição de “mundo de regeneração”, devemos olhar para um futuro mais luminoso e começar a nos iluminar nessa luz.

Vejamos: num mundo de provas e expiações, carregamos nossa cruz plenamente conscientes de que estamos pagando culpas e crescendo mais um pouquinho. É uma condição de sujeição ao sofrimento.

Já num mundo de regeneração o foco se volta para a construtividade. Somos seres que já conseguimos desbastar o mais grosso das nossas imperfeições e nossa meta, agora, deve ser a da evolução espiritual. É claro que iremos continuar resgatando as faltas, porque essa é a lei da justiça, mas o olhar será outro, o do crescimento, com as vistas voltadas para um futuro de luz e trabalhando sempre com esse fim.

Se ficarmos engessados no pensamento antigo, calcado na temática do sofrimento como necessidade expiatória, como poderemos trabalhar pelo novo modelo?

Aquela idéia de que “vamos sofrer resignadamente porque receberemos recompensas no mundo espiritual” está começando a mudar para um discurso mais saudável e progressista: “vamos buscar o nosso crescimento interior, desenvolver nossas qualidades superiores e as nossas potencialidades; ajudar a comunidade procurando levar-lhe as verdades espirituais, além de trabalhar visando conscientizá-la quanto à importância da sua participação na transformação do mundo; auxiliar o ser humano a comandar seus estados de espírito, erguer-se e caminhar com os próprios pés”.

É a cruz transformando-se em instrumento de trabalho, de crescimento e de alegria.

Sem a mais remota idéia de tecer críticas aos espíritos que trabalharam na codificação do espiritismo, devemos lembrar que muitos deles eram procedentes da Igreja Católica, por isso em seus enfoques transparecem conceitos que, se podiam ser adequados àquela época, estão carecendo de atualização.

Podemos observar essa tendência em algumas passagens de O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando falam sobre as penas e recompensas. A linguagem é bastante semelhante à da Igreja. No capítulo Bem-aventurados os aflitos, Lacordaire diz: “O homem não recebe nenhuma recompensa para esse tipo de coragem, mas Deus lhe reserva seus louros e um lugar glorioso”. Essa idéia de recompensas, louros e um lugar glorioso pode ser adequada a espíritos que ainda não alcançaram certo grau de entendimento e que necessitam desse tipo de muletas para caminhar melhor. Mas hoje, em pleno trânsito para uma nova época, essa velha mentalidade deve começar a ceder lugar à do trabalho pela auto-superação, a auto-ajuda, o crescimento da criatura como ser cósmico. Tal crescimento, por si só, deve ser o seu maior fator de felicidade atual e futura. Também se observa aí um toque de vaidade na expectativa de glórias, incompatível com os ensinamentos de Jesus e as idéias transmitidas pelo espiritismo. E mais adiante Santo Agostinho diz: “O Senhor marcou com seu selo todos os que acreditam nEle”. Aí, passa-se a idéia da salvação pela fé.

Como vemos, aqueles espíritos, embora de elevada estirpe, mantiveram, até certo ponto, linguajar e idéias compatíveis com suas últimas reencarnações ou, quem sabe, preferiram usar aquela linguagem como um degrau para entendimentos mais elevados.

Por isso e também porque o bom senso indica, não se deve entender tudo ao pé da letra. Nem mesmo a codificação do espiritismo.

Sofrer hoje, resignadamente, visando a louros e glórias no Céu, demonstra curto entendimento sobre evolução. Um espírito evoluído, pela humildade que lhe é própria, jamais encontrará a felicidade nesses louros e glórias, mas sim em seu próprio estado evolutivo, que é jubilosamente luminoso e feliz.

Assim, é hora de começarmos a abandonar aquelas idéias de comprar um lugar no Céu, ou na colônia espiritual Nosso Lar, através da conformação, uma postura estagnante que ainda voeja nas cabeças de muitos espíritas que entendem ser necessário sofrer para purificar a alma, ou pagar culpas do passado, como se apenas pagar essas culpas fosse suficiente.

Certamente, no novo modelo que deverá nortear o mundo de regeneração, serão utilizados caminhos outros, que não apenas a dor, para a evolução dos seres.

A largueza de vistas do espiritismo mostra ao ser humano que ele deve buscar a felicidade, o bem-estar, o contentamento, desde que não arranhe a ética cósmica, ou seja, as leis de Deus.

Por certo, é importante aceitarmos o sofrimento que não pudermos mudar, mas há diferenças fundamentais entre aceitar e conformar-se, como também é indiscutível que podemos, sempre, mudar nossa vida para melhor, começando por melhorar os próprios estados de espírito e as atitudes. E, mesmo aceitando o sofrimento como necessário à evolução, ou como retorno de atos do presente ou do passado, devemos recebê-lo como lição e não como carga.

A grande reclamação que temos escutado de pessoas que procuram o espiritismo ou militam em seus arraiais está naquela mensagem em tom deprimente que ecoa em muitos centros; o arfar sob o peso do carma que precisa ser sofrido gota a gota, com resignação. A luz que é mostrada no final do túnel só acena do além, após as agruras terrenas.

Felizmente, na outra vertente, vamos encontrar centros espíritas, não muitos ainda, cuja linha diretiva é a esperança, não só para o pós-túmulo, mas para o agora, mostrando como se pode começar a vivenciar algo de felicidade e bem-estar, quando se aprende a aplicar a si próprio o “Levanta-te e anda”.

Também na mídia espírita se percebe, aqui e ali, essa luz da esperança, transformando a cruz em oportunidade de progresso espiritual.

Por esses novos enfoques, podemos também perceber a importância de começarmos a mudar aquele tom que é usado em alguns centros espíritas, o da voz melíflua, chorosa, piegas, orientando para a conformação, colocando como exemplo os sofrimentos de Jesus e acenando com as recompensas futuras.

A nova civilização que está para nascer pede discursos diferentes, aproveitando, inclusive, muito de bom que já existe na área do conhecimento humano, visando ao crescimento da criatura em toda a sua plenitude.

Que fazer?

Que se pode fazer para ajudar o movimento espírita a começar a transformar discurso em atitudes? Talvez você diga que isso é da competência das instituições federativas, mas, se elas não tomam tais iniciativas na forma e intensidade que deveriam, vamos esperar o quê?

Se somos espíritas, temos, cada um de nós, uma parcela de responsabilidade pelos caminhos tomados pelo espiritismo.

Cada espírita pode colaborar, nem que seja apenas com preces e vibrações, pedindo ao Mestre que ajude o nosso movimento a despertar para sua maior necessidade.

Se você é trabalhador em algum centro, pode conversar com os dirigentes, sugerindo-lhes fazer uma campanha pela reforma interior, que pode começar com a simples colocação de cartazes* nos ambientes da casa, até a criação de reuniões/oficinas com essa finalidade. O centro poderia também

transformar algumas palestras em bate-papos, nos quais todos juntos procurariam meios práticos que ajudassem a vivenciar os valores da evolução espiritual.

* Pense na importância de um cartaz (colocado em vários locais na casa espírita) com os dizeres: Estou conseguindo ser mais humilde? Estou desenvolvendo amorosidade? Já consigo perdoar? Procure memorizar estas perguntas, para fazê-las a si mesmo constantemente.

Se você é dirigente espírita, lembre que a nossa humanidade já se encontra nas fímbrias de uma nova era, transitando para “mundo de regeneração”. Observe, no entanto, como nos nossos meios campeiam inúmeros valores negativos (com louváveis exceções) a ponto de muitos companheiros se afastarem, por não suportarem tanta vaidade, desamor, discriminação, maledicência, comodismo, personalismo, lutas pelo poder que encontram em suas instituições, sem considerar as outras infinitas queixas que se ouvem diuturnamente.

Será que podemos continuar assim?

Vamos nós, como movimento espírita, acompanhar e ajudar nessa transição, ou ficar para trás como a mulher de Ló da narração bíblica? Lembremos que ela foi transformada numa estátua de sal.

Então, o que podem fazer as instituições espíritas que ainda não começaram a se mobilizar visando às necessárias transformações?

Permita-nos apresentar duas sugestões:

1 - Criar nos ambientes do centro um clima de permanentes convites e induções à reforma interior. Isto pode começar a ser feito até mesmo com a colocação de cartazes, como sugerido acima, contendo sugestões práticas, tais como:

a) Sempre que lembrar, procure desenvolver amor em seus sentimentos, envolvendo nessa vibração seus familiares, companheiros de atividades e, principalmente, seus desafetos.

b) Quando olhar para alguém, seja lá quem for, diga mentalmente: “Que você esteja bem, com saúde e harmonia interior. Que Deus o (a) abençoe e faça feliz!

c) Procure ser sempre uma presença benéfica, onde estiver. Assim, estará deixando que a luz de Deus o (a) ilumine de dentro para fora.

Observe a diferença entre sugestões práticas e mensagens edificantes. Estas últimas são importantes porque, nos momentos em que as lemos ou escutamos,

seu teor nos leva a elevar o pensamento e com ele a nossa frequência vibratória. Mas são de curta duração.

Já as sugestões práticas, para quem se põe a acatá-las, materializam-se em ações transformadoras.

2 - Buscar NOVOS MÉTODOS, visando instrumentalizar o crescimento interior de seus trabalhadores e frequentadores, de forma objetiva.

E digo crescimento interior em vez do termo reforma interior, porque o crescimento implica em aquisição de valores em todos os sentidos da evolução, não apenas das virtudes, mas também de tudo o mais que possa levar a pessoa a sentir-se plena, feliz e com harmonia interior.

Nesse contexto, um aspecto importante para ser revisto é o fato de cuidarmos da nossa evolução através da ótica meramente religiosa ou mística.

Se não conseguimos resultados realmente positivos com todo o esforço que tem sido feito até hoje, usando métodos regulados pelo enfoque religioso, qual é a solução?

MUDAR... Mudar o enfoque e os métodos

Para implementar tais mudanças de forma mais tranqüila, pode-se começar por uma campanha em prol de uma só ação: desenvolver afetividade. Imagine quanto resultado positivo haveria numa comunidade inteiramente voltada para tal fim. No momento em que alguém consegue manter afetividade em seus estados de espírito, estará se condicionando a vivenciar também as demais virtudes.

Num segundo momento, deve-se passar a trabalhar também outros valores, criando grupos para estudarem e se aprofundarem nas dimensões do orgulho e da vaidade, possibilitando aos participantes identificá-los em suas vivências. Essa identificação é necessária porque só encarando nossos desvios frente a frente seremos capazes de vencê-los.

O mesmo deve ser feito com relação aos demais valores negativos.

Pense em quanto ganharíamos, em termos práticos, com reuniões de bate-papo nas quais se discutisse a questão da vivência espírita, sempre à procura de meios que facilitassem a sua aplicação no cotidiano.

Em reuniões dessa natureza, acaba se construindo uma espécie de cumplicidade entre os membros do grupo, com vistas ao crescimento interior de todos, e isto inclui outras tantas questões que martirizam o ser humano, tais como o medo, a depressão, etc.

Outro instrumento importante estaria em se lançar mão de práticas utilizadas por muitas empresas que estão percebendo a necessidade de ajudar seus funcionários a se tornarem pessoas mais tranqüilas, mais equilibradas, visando ao melhor convívio e à cooperatividade entre eles. Tais

empresas estão utilizando métodos modernos com treinamentos, workshops, cursos e oficinas ligados ao desenvolvimento humano, que tem tudo a ver com o crescimento interior do ser. É claro que a finalidade da maioria deles é maior lucratividade, mas funciona.

Existem profissionais espíritas altamente capacitados nessa área que ministram treinamentos em empresas e que certamente podem colaborar. Como exemplo, podemos citar o conhecido palestrante e escritor espírita Alkíndar de Oliveira (SP) www.alkindar.com.br, competente profissional em treinamento de liderança e comunicação e ele está justamente lançando um livro Aprimoramento Espírita, que vai ajudar grandemente as instituições que quiserem voltar-se para auxiliar seus trabalhadores e frequentadores na difícil tarefa de desenvolver valores humanos, morais e espirituais. Essa obra é composta de quatro livros em um: Auto-estima, Liderança Espírita, Unificação e Projeto ORAR: Ousadia na Divulgação, Respeito às demais Instituições, Administração Eficaz, Relacionamento Harmonioso.

Outro trabalho importante recém-lançado é Projeto Valores Humanos para o Centro Espírita, elaborado pela equipe do Instituto Espírita de Estudo e Divulgação do Evangelho – INEDE (MG), www.inede.com.br. Esse livro reflete experiências desse grupo ao longo dos anos, na elaboração de um projeto que possibilitasse a interação do centro espírita com a sociedade, alicerçado na ética e no atendimento às necessidades comuns, na superação dos preconceitos, pela educação integral através do desenvolvimento de valores.

Essas idéias podem até soar estranhas, mas importa perceber que é chegada a hora de se trabalhar intensamente por mudanças em parte da sistemática espírita, lembrando que estamos em plena fase de transição “de provas e expiações” para “mundo de regeneração”, e toda transição pede mudanças. Não adianta ficarmos reclamando das coisas erradas que encontramos a cada passo nos meios espíritas. Importa trabalharmos para modificá-las, buscando as causas profundas delas e promovendo as mudanças necessárias.

Se você é “trabalhador da seara”, seja qual for a sua função, você é co-responsável pelo grupo ou centro em cujas atividades se encontra inserido. Por isso procure fazer o melhor que puder. Procure interessar-se não só pelas suas tarefas, mas também por tudo que diga respeito ao grupo ou instituição, porque você é parte dele. A casa espírita é também o seu endereço de luz. Se ela se encontra em situação sombria, procure desenvolver meios para iluminá-la. Lembre-se de que, quando algo realmente nos interessa, “movemos céu e Terra” para consegui-lo. Assim, “movamos céu e Terra” para garantir as melhores condições possíveis para que o nosso endereço de luz possa cumprir sua missão.

Como criamos máscaras

Nos meios espíritas, tem-se falado muito ultimamente sobre as nossas máscaras, e muitos até se aborrecem afirmando não possuí-las.

Reflitamos um pouco.

Digamos que fulano, trabalhador da seara, é fumante e gosta de observar as pessoas para criticar-lhes, em tom jocoso, a roupa, a feiúra e até o fato de estarem acima do peso.

Que faz então, sabendo que seria censurado pelos companheiros, numa censura silenciosa ou pelas costas, como geralmente acontece?

Para não se ver assim malvisto e até marginalizado, escova os dentes e coloca algum desodorizante bucal antes de ir para o centro, escondendo ou mascarando tal conduta. Também evita até de olhar para as pessoas com receio de formular alguma crítica e verbalizá-la a um companheiro, já que praticamente automatizou tal atitude.

Já são então duas máscaras que fulano criou.

Pense como seria se pudéssemos juntar aleatoriamente dez espíritas que militam num centro a fim de mergulharem fundo em si mesmos, com sinceridade, para identificar as máscaras que criaram. Quantas acredita que seriam encontradas?

Como podemos conviver luminosamente num ambiente em que não podemos ser autênticos?

Que fazer então para tentar diminuir o uso de máscaras?

Certamente, ajudaria muito começar a se criar uma cultura de transparência, trabalhando-se a amorosidade e o melindre. Quando aprendermos a ser amorosos em nossos relacionamentos e não nos melindrarmos, ficará bem mais fácil aceitar nossas mazelas e as dos outros como algo natural.

Quando pudermos nos acobertar com as vibrações do amor, estaremos aptos a olhar uns para os outros sem cobranças, nem silenciosas nem verbalizadas, e com isso retirar nossas máscaras, por terem se tornado inúteis.

Algumas ações podem ajudar:

1 - Fomentar atividades fora do trabalho espírita, como confraternizações ou encontros fraternos, nos quais os trabalhadores da casa poderiam começar a se conhecer melhor, criando um clima de maior confiança mútua.

2 - Organizar a realização do evangelho no lar, na residência de cada um dos trabalhadores, em regime de rodízio, quando cada um levaria algo para uma confraternização após a reunião. (Há muitas opções para se buscar um clima de maior confiança entre os companheiros de seara)

3 - Promover reuniões de terapia de grupo. Existem muitos profissionais dessa área, espíritas, que fariam esse trabalho com prazer.

4 – Seguir aquela orientação evangélica sobre confessarem-se uns aos outros. Mas quem terá coragem para mostrar suas mazelas assim, publicamente?

Pode-se então trabalhar com duplas; reunir os seareiros e, em clima de fraternidade, dividir todos em duplas, A e B. Assim, durante algum tempo, pode ser cinco minutos, A fala de si mesmo para B, apresentando suas mazelas (aquelas que se sinta à vontade para externar), como se fosse uma confissão. Em seguida, mudam-se as posições e B faz suas confissões para A. Tudo isto deve ser feito evitando-se justificar-se, queixar-se e inculpar-se. Deve-se falar de si com naturalidade, lembrando que todos, sem exceção, somos seres imperfeitos, mas em busca de nos melhorar.

Tal atividade deve repetir-se sistematicamente. Assim, vai chegar um momento em que todos já estarão conhecendo-se bem melhor, podendo ir retirando suas máscaras, sem receio de serem marginalizados.

5 – A última sugestão, A MAIS IMPORTANTE, é um trabalho intenso para desenvolver um clima de amor na instituição. Com a presença do amor, tudo fica bem mais fácil.

O tipo de amor de que estamos mais necessitados é o materno, o mais puro e forte que existe na Terra. A mãe não marginaliza o filho que erra, mas o acolhe e procura de todas as formas ajudá-lo em seu crescimento como ser humano. Jamais desiste dele.

A mãe que sabe amar prefere compreender o filho a criticá-lo.

Se o maior dos mandamentos dados por Jesus é o amor, por que não fazemos também o maior dos empenhos para desenvolvê-lo em nossas vidas, em nossas atividades? É difícil? Certamente!

Mas o caminho indicado pelo Mestre foi o estreito. Sigamos por ele, com fé, amor e alegria no coração, porque a meta é a plenitude.

Num grupo verdadeiramente fraterno, há confiança mútua, permitindo que uns se apoiem nos outros, auxiliando-se mutuamente, incentivando os que estejam em dificuldade de qualquer natureza, seja material, seja espiritual, seja evolutiva.

Tais atitudes eliminam a crítica e os próprios melindres acabam se diluindo, se dissipando, por força do amor e da confiança que permeiam o grupo.

UMA PALAVRA DIFÍCIL DE DIZER

Inspirando-nos nas informações do espírito Manoel P. de Miranda, no livro *Trilhas da Libertação*, psicografado por Divaldo Franco, e mediante outras observações, é possível fazer a seguinte narrativa:

“O mais poderoso dos Gênios infernais, intitulado ‘Soberano Gênio das Trevas’, depois de longas análises do movimento espírita e de terem sido ouvidos os maiores especialistas nas mais diversas áreas, orientou seus assessores, os Comandantes dos Setores, dizendo:

‘Quero que os ataques sistemáticos contra o Espiritismo sejam muito bem organizados.

Primeiro, vamos atacar com todas as possibilidades através do sexo, estimulando-o ao máximo, principalmente entre os líderes, médiuns, doutrinadores, oradores e todos os que lidam com o público. Esse é um velho sistema que sempre dá certo. Além disso, já temos os nossos esquemas prontos. Basta adaptá-los e ampliá-los de acordo com as situações.

Agora, prestem bem atenção porque vamos usar uma arma nova, infalível... Nova, agora, porque ela já foi usada com pleno sucesso há muito tempo. Nós vamos mudar o rumo das prioridades nos meios espíritas. Vamos estimular discussões em torno da pureza doutrinária, e vejam que isto gera polêmicas infundáveis; se o corpo de Jesus era fluídico ou não... Vamos levá-los a discutirem se devem cantar ou não nos centros espíritas, orar em pé ou sentados, de olhos abertos ou fechados, fazer ou não bingos e semelhantes, enfim, todos os temas que possam gerar belas polêmicas. Isto é fundamental porque não quero que lhes sobre tempo nem energia para cuidar da nossa maior inimiga... a ...'

A palavra engasgava na boca do chefe, enquanto a platéia aguardava, curiosa. Por fim, desistiu de pronunciá-la, continuando:

'Quero também que estimulem o estudo da Doutrina...'

Essa recomendação do Soberano deixou estupefatos todos os presentes, mas ninguém teve coragem de fazer qualquer observação. Rindo desagradavelmente, aquele ser tenebroso continuou:

'Procurem acompanhar meu raciocínio. Os espíritas valorizam muito esse estudo. Então, se não é possível levá-los a abandoná-lo, que seria o ideal, vamos aproveitar essa característica para nosso benefício. Vamos estimular verdadeira febre de estudos; deixá-los com a cabeça cheia de conceitos... tão cheia que esqueçam da nossa maior inimiga, a ... a...'

A palavra novamente estava difícil de ser pronunciada. Todos estavam pendurados na fala do chefe, curiosíssimos para saber qual era afinal essa terrível inimiga. Com dificuldade, o chefe concluiu:

'A ... reforma... interior.'

Os comandantes olharam-se, quase sem acreditar em tanta astúcia na organização da maior estratégia de todos os tempos em sua luta contra a luz. Quando refeitos, todos, sem exceção, atiraram-se ao solo, genuflexos, diante do Soberano. Este mandou que levantassem e continuou:

'Levem os espíritas a acreditarem que ela... a... a... nossa inimiga é tão difícil de ser alcançada que o Criador estabeleceu a reencarnação, como um caminho longo, interminável... para que nesse caminho a criatura tenha todo o tempo da eternidade para atingir aquela... meta.'

Desta vez foram palmas estrondosas que estrugiram no ambiente. O soberano sorriu de novo, mais um esgar do que um sorriso, e continuou:

‘Não se esqueçam de que foi essa a arma com que vencemos o cristianismo nos seus primeiros séculos, transformando-o numa organização religiosa muito preocupada com tudo menos com a vivência das “tolices” que o Cordeiro ensinou. Foi assim que conseguimos atenuar os seus efeitos, já que era impossível acabar com ele.’

E, lançando um olhar de aço em torno, concluiu:

‘É isso que vamos fazer... Já que é impossível acabar com o espiritismo, vamos atenuar os seus efeitos.’

Após alguns instantes de silêncio que ninguém ousou interromper, o Gênio do Mal continuou:

‘Outra coisa: façam os espíritas acreditarem que a tal da... a ... reforma... interior... pode ser substituída por estudos e por trabalhos de caridade. Eles vão gostar da idéia... e vão adotá-la.’

Lembramos então aos que dirigem, lideram ou simplesmente trabalham nesta seara que aquela expressão tão difícil de ser pronunciada pelo Soberano Gênio das Trevas, a reforma interior, precisa ser a primeira prioridade do movimento espírita, a nossa bandeira de luta, na maior de todas as batalhas que precisamos vencer.

A propósito, convém lembrar a mensagem de Jesus à Igreja de Laodicéia (a última das sete igrejas) através de João, em suas visões na ilha de Patmos (Apocalipse, 3: 16, 17).

“ Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.”

Mas é claro que essa advertência foi feita às outras religiões; não a nós... Ou, será que foi?...

E, por favor, co-idealista, não diga que esta é uma tarefa pessoal de cada um e não uma atribuição das instituições espíritas. A instituição, desde o centro até as entidades federativas, tem o dever de promover e procurar facilitar com todas as suas possibilidades a reforma íntima, ou o crescimento interior dos seus trabalhadores e freqüentadores, já que esta é a principal finalidade do espiritismo.

Compaixão

Um centro espírita em Fortaleza sempre convida pessoas não espíritas para fazerem palestras. São teólogos, filósofos, psicólogos, budistas, frades católicos, etc. que enriquecem significativamente esses encontros, porque sempre temos algo de bom a aprender com os que pensam diferente de nós.

Isto é alteridade, mas, como sempre, muitos criticam, enquanto outros aplaudem.

Pergunto: precisa o movimento espírita ficar murado, cerceado, dentro dos limites da codificação? Será que sabemos tudo e nenhum aprendizado fora desses muros pode ser importante para nós?

Já exortou o apóstolo a procurarmos conhecer de tudo e reter o que for bom. Há alguns anos assisti, no Fórum Espírita de Pernambuco – Ferespe, a uma palestra proferida pelo Lama Padma Santem sobre a compaixão pelo enfoque budista.

Em outros trabalhos, já falei sobre isso, mas vale a pena repetir, porque aquela foi a explicação mais perfeita que já ouvi sobre as sublimes dimensões do amor.

“Digamos que alguém olha para uma planta que se encontra num vaso dentro da casa. Pelo olhar compassivo, em vez de observar se gosta dela ou não, pergunta como é que ela se sente sem a luz do sol, a água da chuva e sem as suas plantas amigas e companheiras.

Quando olhamos uma planta pensando se gostamos ou não, nossa mente opera obstruída pela sensação de gostar ou não gostar.

Uma inteligência maior é olharmos para aquela planta perguntando do que ela necessita. E mais do que isso, nós podemos olhá-la e ver com os olhos do bom jardineiro quais as flores e frutos que essa planta tem escondidos dentro dela e que ela mesma não sabe.

Quando em algum momento da nossa infância, alguém (nossos pais, professores ou qualquer outra pessoa) nos olhou e viu em nós as sementes e flores que tínhamos dentro de nós e não sabíamos, fazendo isso, amorosamente umedeceu a terra onde vivíamos para que pudéssemos crescer e nos desenvolver. A essa capacidade, essa inteligência de olhar o outro e reconhecer nele qualidades positivas, a isso, no budismo, chamamos de amor.

Olhar o outro e ver o que afeta a existência dele, para nos manifestarmos de forma positiva para remover os obstáculos, isso é compaixão. Para promover as qualidades positivas, isso é amor.”

“Através de cinco cores, nós podemos praticar a compaixão.

A primeira é o azul. Através dessa cor, nós olhamos para o outro e o acolhemos, e também perguntamos quais as flores e frutos escondidos nesse ser.

Temos a compaixão amarela, de um amarelo-dourado, que significa generosidade, riqueza, meios. Então, quando vamos ajudar alguém, nós podemos não somente ouvi-lo, entendê-lo, aspirar ao bem, mas podemos eventualmente fazer algo mais.

Vamos supor, como acontece lá no sul do Brasil, de tanto em tanto, que o rio subiu e a casa foi destruída. A gente pode visitar o desabrigado e dizer:

‘Você não se preocupe tanto... isto passa.’ É uma boa ajuda, mas com a cor amarela podemos auxiliar para que passe mais rápido, oferecendo um suporte prático.

Depois temos a cor vermelha, que simboliza o eixo. Ela vem da sedução, daquilo que nos encanta. Então, que possamos produzir no outro um encantamento positivo, um eixo positivo. Assim, a cor vermelha vai nos ajudar a dizer àquela pessoa que é melhor não reconstruir a casa no mesmo lugar porque o rio pode subir de novo. Dessa forma, muitas vezes não basta que a gente ajude o outro a reconstruir, mas que o ajude a fazê-lo numa situação melhor. Para isso, precisamos da sabedoria dos eixos. Para os nossos filhos, não podemos abdicar disso. Não precisamos impor os eixos, eles não são impostos. Mas se dissermos ‘eu não devo ajudar o outro a criar uma estrutura positiva, um referencial positivo’, estaremos nos omitindo e isso é uma atitude sem compaixão.

Então, é muito necessário que repitamos as palavras dos grandes mestres, que vivamos essas palavras, estudemos isso e entendamos, e possamos ajudar os outros a compreender como viver melhor. Se não ajudarmos ou outros nesse sentido, isso será uma falha da nossa compaixão.

Mas não bastam essas três formas.

Há um momento em que vemos uma criança puxando uma toalha com uma leiteira de leite fervente em cima. Se não gritarmos, a criança puxa e se queima. Quando gritamos, nós não nos opomos à criança. Nós estamos a favor dela. Quando dizemos ‘não faça isso’, nós interrompemos uma ação negativa. Muitas vezes é necessário manifestar o que se chama a cor verde.

No budismo isso é chamado ‘a família karma’, em que vemos a negatividade surgindo e a obstruímos. Nós nos impomos diante da negatividade, interrompendo-a. Não somos contra a pessoa, somos a seu favor. E há ainda a cor branca, a culminância da compaixão, porque, ainda que eu acolha, ainda que propicie meios, ainda que ofereça eixos, ainda que obstaculize a negatividade, se não revelar a natureza ilimitada, não tive a compaixão, a generosidade, a amorosidade de descobrir essa natureza ilimitada e oferecer às outras pessoas, então as outras compaixões são muito menores, são quase sem sentido.

O que dá sentido à vida é que todos marchamos para a consciência da natureza última e vivemos inseparáveis disso. A nossa vida não teria culminância, não teria completude, sem a cor branca, em que nós reconhecemos a natureza ilimitada. Então, a compaixão maior é podermos oferecer aos outros essa natureza.”

Essa é uma forma de se entender a palavra amor NA PRÁTICA, e não só nas palavras.

Aspectos científicos da prece

Nem todos sabemos orar de forma a que a nossa prece se eleve em busca das forças mais altas do universo.

Quem muito bem explica essa questão é o conceituado escritor Torres Pastorino, no livro Técnica da Mediunidade, esclarecendo, sob a luz da física, do magnetismo e da biologia, como os fenômenos de comunicação entre a dimensão material e a espiritual acontecem, manifestando-se através de vibrações e ondas.

Extraímos alguns trechos bastante esclarecedores:

“As vibrações, as ondas, as correntes utilizadas na mediunidade são as ondas e correntes de pensamento. Quanto mais fortes e elevados os pensamentos, maior a frequência vibratória e menor o comprimento de onda. E vice-versa.

O que eleva a frequência vibratória do pensamento é o amor desinteressado; abaixa as vibrações tudo que seja contrário ao amor: raiva, ressentimento, mágoa, tristeza, indiferença, egoísmo, vaidade, enfim qualquer coisa que exprime separação e isolamento.

Em física estudamos as ONDAS AMORTECIDAS, assim chamadas porque atingem rapidamente um valor máximo de amplitude, mas também rapidamente decrescem, não se firmando em determinado setor vibratório. São produzidas por aparelhos de ‘centelha’, que intermitentemente despedem fagulhas, chispas, centelhas, mas não executam uma emissão regular e fixa em determinada faixa. Produzem efeito de ‘ruídos’.

No cérebro, ondas amortecidas são as produzidas por cérebros não acostumados à elevação, mas que, em momentos de aflição, proferem preces fervorosas.

A onda se eleva rapidamente, mas também decresce logo a seguir, pois não tem condição para manter-se constantemente em nível elevado, por não estarem a ele habituados. São pessoas que, geralmente, se queixam de que ‘suas preces não são atendidas’. De fato, produzem ‘ruído’, mas não conseguem sustentar-se em alto nível, não atingindo, pois, o objetivo buscado.”

“(…) Ondas longas são todas as superiores a 600 metros de comprimento. Caminham ao longo da superfície terrestre e têm pequeno alcance. Ondas médias são as de comprimento entre 150 e 600 metros. Caminham em parte ao longo da superfície, mas também se projetam para as camadas superiores da atmosfera. Têm alcance maior que as anteriores, embora não muito grande. Ondas curtas são que variam entre 1,0 e 150 metros. Rumam para a atmosfera superior, e são captadas de ‘ricochete’. Têm alcance muito grande, podendo ser captadas facilmente até nos antípodas. Ondas ultra- curtas são todas as que forem menores que 10 metros. Muito maior alcance e força, ecoando nas camadas superiores da atmosfera.

Tudo isso faz-nos compreender a necessidade absoluta de mantermos a mente em 'ondas' curtas, isto é, com pensamentos elevados, para que as nossas preces e emissões possam atingir os espíritos que se encontram nas altas camadas.

As ondas longas, de pensamentos terrenos e baixos, circulam apenas pela superfície da Terra, atingindo somente os sofredores e involuídos, ou as próprias criaturas terrenas. Qualquer pensamento de tristeza, de ressentimento ou de crítica abaixa as vibrações, não deixando que nossas preces cheguem ao alvo desejado.

A prece não pode, científica e matematicamente, atingir os planos que desejamos, quando estamos 'dessintonizados'."

Encerrando

Gostaria de encerrar este opúsculo com uma visualização e uma prece.

Juntemos então nossas potencialidades em busca da Causa Primária de todas as coisas.

Se estiver cansado, estressado, respire fundo algumas vezes, dando a si mesmo uma ordem para relaxar.

Mentalize em torno de si um campo de energia luminosa cheia de vitalidade e de alegria.

Inspire esse ar luminoso, carregado de energia. Visualize essa onda de energia benéfica penetrando em seu corpo, espalhando-se por ele.

Não pense. Apenas sinta um estado de calma, de profunda paz.

Diga mentalmente, procurando visualizar e sentir o que diz, com toda intensidade:

Peço às Forças Universais do Bem para me envolverem e a todos os meus, conduzindo-nos por caminhos retos. Que elas nos protejam, florindo nossos lares, harmonizando-nos, abrindo caminhos diante de nós e nos chamando para o alto.

Que as Forças Universais da Justiça me orientem, a fim de que eu seja sempre uma pessoa justa e honesta, manifestando ética em todas as minhas atitudes... E que essa mesma justiça se estabeleça também em nosso planeta, em toda a sua extensão.

Peço às Forças Cósmicas da Paz e da Luz para se refletirem sobre a Terra, vibrando nos corações de todas as pessoas, pacificando... iluminando... guiando a humanidade pelos caminhos do BEM.

Peço às Forças Cósmicas do Amor para se manifestarem em mim, na minha alma, nos meus sentimentos, vibrando em todas as minhas células e neurônios. Quero que esse amor esteja presente em mim, em todos os momentos da minha vida...

Peço finalmente ao Pai Criador para envolver a Terra no seu amor. Que esse sentimento divinal se transforme em sementinhas de luz nos corações de

todas as pessoas, crescendo e se desenvolvendo em fraternidade e em paz, ajudando nossa humanidade nesta difícil transição para “mundo de regeneração”.

Guarda-nos oh Pai, e a toda a humanidade, na Tua luz.

Uma atitude que ajuda muito nossa evolução espiritual é a gratidão. Sentir-nos gratos por tudo, a partir das coisas que nos parecem mais insignificantes como a cadeira em que sentamos, o prato no qual podemos colocar o alimento para comer, o cãozinho amigo que nos faz festas, o aparelho de tv que nos distrai, o chão no qual podemos pisar, etc.

Faz um exercício de gratidão, vendo com um novo olhar tudo que o cerca e verá como seu estado de espírito melhora.

A gratidão eleva nossa frequência vibratória, representando um antídoto para o orgulho. Ao nos sentirmos gratos por tudo, deixamos de nos sentir com direito a tudo.

Peço a você, co-idealista espírita, para lembrar-se sempre de elevar o pensamento em busca das forças mais altas do universo, do Mestre Jesus, numa prece com visualizações pelo nosso planeta e pela humanidade terrena. Essas vibrações juntar-se-ão a tantas outras, ajudando a Terra e a nossa humanidade nesta difícil transição.

Fim.